

# O fotógrafo do início do mundo

Começou com o registo fotográfico de um banal pôr-do-sol. Hoje, João de Castro é o único assumido fotógrafo do nu em Portugal. Vai ser conhecido nos próximos tempos e não apenas no nosso país, porque desvenda sem pudor que não nascemos vestidos.

POR PEDRO FONSECA

João de Castro nasceu em 1964 e iniciou-se na fotografia profissionalmente em 1985. “Nunca pensei ser fotógrafo, comecei a preocupar-me o que ia ser por volta dos 15 anos”, lembra. Bom aluno, excepto a matemática, fez testes de orientação profissional e, retirando a tal matemática e as finanças, tinha aptidão para as áreas artísticas e científicas.

“Um dia, tirei uma fotografia, por acaso, ao pôr-do-sol” mas nem sequer sabe de quem era a máquina que registou o momento. “Andava por lá”, por casa, “eu tinha umas compactas mas nunca fotografei muito”.

Depois de revelada, ficou “abismado, não pela fotografia” – que ainda hoje guarda e é “vulgaríssima” – mas porque “tinha conseguido naquela fotografia ficar exactamente com o pôr-do-sol que tinha visto, que era uma coisa que nunca me tinha ocorrido. E decidi ser fotógrafo”. Esquecidas ficaram as potenciais carreiras de biólogo, arqueólogo ou militar. Depois foi o “processo complicado” de explicar à família: “ontem decidi ser fotógrafo!” Foi uma “guerra” que durou anos.

No entanto, entre especializações abandonadas (como jornalismo ou quimiotecnia), espreitou alguns cursos de fotografia em que “só me falavam de máquinas e de objectivas e de rolos e mais nada”. Decidi comprar livros e uma máquina (uma Nikon F e depois uma Nikkormat). A primeira objectiva foi uma 300 milímetros, “andei duas semanas a fotografar que nem um desvairado” e é quando entra para a revista “Casa e Decoração” por a considerar a melhor revista da época “em que se podia fazer qualquer coisa”.

Vai fotografar interiores e o seu primeiro trabalho é aceite. Propõe-se depois ao diário “Correio da Manhã”. Em 1985, o jornalismo era a saída, “as coisas estavam compartimentadas e não havia espaços para fazer o que queria”. O que queria fazer não passava pelo lado da exposição individual por considerar que ainda não tinha qualidade suficiente. Como sabia João de Castro qual o patamar qualitativo? Em casa, o pai, fotógrafo amador, colecionava as revistas “Zoom” e “Photo” e “ainda hoje, sai uma fotografia e digo que, às vezes, é um plágio de uma fotografia que eu vi na ‘Photo’ nos anos 70 ou 80”, salienta.



JOÃO DE CASTRO

Depois de no início dos anos 90 fazer a primeira fotografia de nu, os tempos seguintes coincidem com um divórcio e o conhecimento, casamento e início das fotografias de nu da sua “musa”, Cristina Fialho, também “style designer” das produções.

Comparado com “os mestres” Helmut Newton, Jean Loup Sieff e Jacobetty, percebe que está longe deles mas também que não sabe bem o que fazer da vida fotográfica. Passa então pela fotografia de interiores, publicitária, de turismo ou de embalagens, numa perspectiva também de descoberta: “será que gosto? Parece ser uma excelente escola, é uma excelente oportunidade” – e pagava o ordenado.

## O PRIMEIRO NU

Entre o cansaço destes projectos e a aposta na fotografia “a sério”, surgem as dúvidas – não apenas fotográficas. Depois de no início dos anos 90 fazer a primeira fotografia de nu, os tempos seguintes coincidem com um divórcio e o conhecimento, casamento e início das fotografias de nu da sua “musa” Cristina Fialho, também “style designer” das produções. “Começámos por brincadeira”, lembra Cristina. “O estar nua ou vestida é indiferente, não me faz confusão nenhuma – também não é propriamente com um desconhecido”. Sintética, não considera sequer que exista uma exposição extremada e não é reconhecida na rua. “E mesmo que fos-



JOSE ANTUNES



JOÃO DE CASTRO

**A fotografia do nu não pode então ser um processo repetitivo de registo de corpos que tem sempre um limite de variantes? “É tão repetitiva como o sexo”, dispara o fotógrafo.**

se”, encolhe os ombros, “nós não nascemos vestidos”. Não, é certo, mas também são raras as mulheres que em Portugal se deixam fotografar nuas e, para mais, quando estão grávidas (FD de Março). Para Cristina, o momento foi simplesmente “cansativo, não é fácil” e ambos passaram meses a pensar fazê-lo. “Fisicamente foi puxado, é muito difícil gerir uma barriga com aquele tamanho”, refere. Em termos técnicos, como as luzes fazem calor e a pessoa está nua, “torna-se confortável”. Mas “fisicamente não é fácil”.

Mas como é fotografar uma modelo nua, quanto tempo demora? “Uma hora, na mesma posição” ou mais, refere Cristina. Imagine-se o leitor numa posição quieto durante 90 minutos, sossegado, paralisado à espera do registo fotográfico, tantas vezes repetido... Por tudo isso é também curiosa a frase “entre o caos e o rigor” exposta na entrada do sítio Web [www.artphoto-joaodecastro.com](http://www.artphoto-joaodecastro.com). Quando parece imperar um enorme rigor nas suas imagens, o caos “é interior”, lembra Cristina, mas “as sessões [de fotografia] não são caóticas”. É “o rigor de ter uma produção, a técnica dentro da cabeça e no equipamento para depois estar em pleno caos interior”, especifica João de Castro. Numa sessão fotográfica, “tentar ter uma visão de tudo o que se vai passar, do que se pode passar e do que eu não pensei que se podia passar para estar preparado na altura para poder simplesmente criar”, salienta. “A fotografia tem uma dependência técnica muito grande” e, diferente de um pintor, ela está nos cabos, na luz, na película, na máquina, na modelo, em tudo, “em dominantes que não dependem do interior do indivíduo”. Onde está então o imponderável numa sessão fotográfica? Na electricidade estática no cabelo de uma modelo, no aparecer o período a uma modelo na véspera ou na sessão – “tudo o que pode acontecer a uma pessoa pode acontecer, juntem tudo, misturem, dupliquem, pode acontecer tudo”, salienta.

A fotografia do nu não pode então ser um processo

repetitivo de registo de corpos que tem sempre um limite de variantes? “É tão repetitivo como o sexo”, dispara o fotógrafo. Instado a clarificar, explicita que “o mau sexo é repetitivo, o bom sexo não tem fim”. Como a fotografia do nu não visa o sexo mas a(s) pessoa(s), “é como uma conversa, o fotógrafo ou a modelo não estão a falar sozinhos, estão os dois em comunicação”, explicita Cristina Fialho.

É uma “simbiose”, reforça João de Castro, “é recíproco”, “é uma conversa” com um registo fotográfico. O processo é uma “mélange”, uma mistura entre fotógrafo e modelo, “extremamente cansativo embora agradável”, “um misto entre o que aquela pessoa tem e o que eu vi nela”. E o estar nu “é um pormenor” para quem fotografa mulheres. Já o preto-e-branco não é um pormenor mas a sua “linguagem”, por razões físicas mas também porque “caracteriza”, enquanto a cor “documenta”. No preto-e-branco, “o digital não existe” (aliás, refere, o processo digital “vai matar a película de cor, felizmente”), mas é um processo químico e físico normalmente efectuado pelo fotógrafo. Razão pela qual as suas imagens não sofrem qualquer manipulação, excepto se houver defeitos na própria película. “Se uma modelo tiver uma ruga, por mínima que seja, não lhe mexo”, afiança. “Não critico quem o faça mas sou purista em relação ao meu trabalho”. A fotografia a preto-e-branco “ficou reduzida à arte porque é esse o seu forte”, “é sempre uma intervenção, tem sempre uma mensagem”.

Projectos futuros passam pela edição de arte fotográfica em séries exclusivas de postais e de livros, organizar exposições, a venda de ampliações numeradas e limitadas, mostra de portfólios em revistas estrangeiras.

Tal como sucede na montra que é o sítio Web, João de Castro e Cristina Fialho controlam a qualidade. Como sucedeu no início da sua carreira de fotógrafo, ele ainda considera que a fotografia “é estética e mensagem; a técnica é uma ferramenta”. □